

Qu'est-ce qu'un Collaborateur?

Sartre, Jean-Paul. 1945

Le prince Olaf, qui vient de rentrer en Norvège, estime que les <collaborateurs> représentent 2% de la population totale. Nul doute que le pourcentage n'ait été en France à peu près analogue. Une enquête dans les différents pays occupés permettrait d'établir une sorte de pourcentage moyen des collaborateurs dans les collectivités contemporaines. Car la collaboration, comme le suicide, comme le crime, est un phénomène normal. Seulement, en temps de paix ou dans les guerres qui ne se terminent pas par un désastre, ces éléments de la collectivité demeurent à l'état latent; comme les facteurs déterminants font défaut, le <collaborateur> ne se manifeste ni à autrui, ni à lui-même, il vaque à ses affaires, il est peut-être patriote, car il ignore la nature qu'il porte en lui et qui se révélera un jour dans des circonstances favorables. Pendant la guerre actuelle qui a permis d'isoler la collaboration, comme on fait d'une maladie, il y avait un jeu de société en faveur chez les Anglais: on tentait de déterminer, en passant en revue les personnalités de Londres, quelles étaient celles qui eussent collaboré si l'Angleterre eût été envahie. Ce jeu n'était pas si sot: il revenait à dire que la collaboration est une vocation. Par le fait il n'y a pas eu, chez nous, de grosse surprise: il suffisait de connaître Déat ou Bonnard avant la guerre pour trouver naturel qu'ils se soient rapprochés des Allemands victorieux. Donc, s'il est vrai qu'on ne collabore pas par hasard mais sous l'action de certaines lois sociales et psychologiques, il convient de définir ce qu'on nomme un collaborateur.

O que é um Colaborador?¹

Tradução: Profa. Eliana Paiva e Frei Hermínio Bezerra.

Prince Olaf², que acabou de voltar à Noruega, estima que os “colaboradores” representam 2% da população total. Não há dúvida de que a porcentagem na França foi quase análoga. Uma pesquisa nos diferentes países ocupados permitiria estabelecer algum tipo de porcentagem média dos colaboradores nos grupos contemporâneos. Porque a colaboração, como o suicídio, como o crime, é um fenômeno normal. Somente em tempos de paz ou em guerras que não terminam em um desastre, esses elementos da coletividade permanecem latentes; como os fatores determinantes estão faltando, o “colaborador” não se manifesta nem para os outros, nem para si mesmo, ele entrega suas ações, ele pode ser até patriota, porque ele ignora a natureza que traz em si e que um dia se revelará nas circunstâncias favoráveis. Durante as guerras atuais, que permitiram isolar a colaboração, como se faz de uma doença, houve um jogo de sociedade a favor dos ingleses: tentava-se determinar, examinando as autoridades de Londres, quais delas poderiam ser colaboradoras, se a Inglaterra tivesse sido invadida. Esse jogo não era tão ingênuo: ele significava dizer que a colaboração é uma vocação. Pelo fato de que, não houve entre nós uma grande surpresa: bastava conhecer Déat³ ou Bonnard⁴ antes da guerra para achar natural que eles estivessem mais perto dos alemães vitoriosos. Então, se é verdade que não colaboramos por acaso, mas sob a ação de certas leis sociais e psicológicas, devemos definir o que denominamos de colaborador.

¹ Sartre apresenta esse texto em agosto de 1945 com o título *La République Française*, editado em New-York

² Sartre refere-se a Olavo V (1903-1991) da Noruega, membro da Dinastia Schleswig-Holstein-Sonderburg era o único filho do rei Haakon VII e da rainha Maud de Gales. Sua liderança na Segunda Guerra Mundial foi elogiada, foi nomeado chefe da Defesa. Assumiu o trono da Noruega em 1957 e foi denominado o “Rei do Povo”.

³ Marcel Déat (1894-1955) Jornalista, intelectual, deputado da Seção Francesa da Internacional Operária (SFIO), criou o Partido Comunista na França, após expulsão tornou-se neossocialista, foi

colaboracionista durante a ocupação e terminou sua carreira como Ministro do Trabalho e Solidariedade Nacional do governo Vichy e refugiou-se na Itália.

⁴ Pierre Bonnard (1867-1947) Pintor francês; participante do movimento pós-impressionista com o grupo Nabis; ilustrador da Revista La Revue Blanche; ganhador do prêmio Carnegie, por duas vezes.

Ce serait une erreur de confondre collaborateur et fasciste, bien que tout collaborateur dût accepter, par principe, l'idéologie des nazis. En fait certains fascistes notoires se sont abstenus de pactiser avec l'ennemi parce qu'ils estimaient que les conditions n'étaient pas favorables à l'apparition d'un fascisme dans une France affaiblie et occupé ; d'anciens Cagouards sont passés à la résistance. Diversement il s'est trouvé un certain nombre radicaux, de socialistes, de pacifistes pour considérer l'occupation comme un moindre mal et pour faire bon ménage avec les Allemands.

Seria um erro confundir colaborador e fascista⁵, embora qualquer colaborador tivesse que aceitar, em princípio, a ideologia dos nazistas⁶. De fato, certos fascistas notórios abstiveram-se de fazer pacto com o inimigo, porque eles julgavam que as condições não eram favoráveis ao surgimento de um fascismo em uma França enfraquecida e ocupada por antigos Cagouards⁷ e passaram à resistência. Diversamente, houve certo número de radicais, de socialistas e de pacifistas que consideraram a ocupação como um mal menor e compactuaram com os alemães.

⁵ Fascismo é uma ideologia que se tornou regime governamental com Mussolini, na Itália, a partir de 1922, refere-se a um processo revolucionário ditatorial e autoritário que conserva: todo poder ao Estado; o regime garante a monarquia e a propriedade privada dos ricos. Mantém legalmente os direitos, a constituição e leis sociais; todavia tem por meta a liquidação do regime democrático. Fascista=adepto da visão de uma ditadura, excludente e repressora. Fascista é um simpatizante da ideologia que faz prevalecer os conceitos de nação e raça sobre os valores individuais e é representado por um governo autoritário, centralizado na figura de um ditador. Colaborador refere-se a alguém que passa informações estratégicas para o lado do invasor, do estrangeiro, do vilão, pois ajuda o invasor com informações privilegiadas que permitem a vitória deste. Colaborador = contribuidor, ajudante X traidor, desertor.

⁶ Nazismo ou Social Nacionalismo, movimento político fundado em 1920, sobe as bases consentidas do nacionalismo, pangermanismo, antissemitismo, reivindicacionismo, revolução social, militarismo, stalinismo, autoritarismo e absolutismo, visando a expansão territorial da Alemanha. Vide: OTTOLENGHI, Gustavo. Dicionario Del Nazismo. Itália: Sugarco Edizioni S.r.l., 1995. ISBN 88-7198-370-X. Verbete: Nazional socialismo p.65-66. Estas ideias são sustentadas por Hitler a partir de 1924 em Mein Kampf. Existe a versão comentada por: VITKINE, Antoine. Mein Kampf: A história do livro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2ed. 2016. ISBN: 8520924158.

⁷ CAGOULARD foi um grupo secreto de extrema direita, ativista pró-fascista que usava como máscara um capuz pontudo fechado, furado no lugar dos olhos (cagoule).

De la même façon, il faut se garder d’assimiler le collaborateur au bourgeois conservateur. Certes la bourgeoisie était fort hésitante depuis Munich. Elle craignait une guerre dont Thierry Maulnier a dit clairement qu’elle consacrerait le triomphe de prolétariat. C’est ce qui explique le mauvaise volonté de certains officiers de réserve. Mais si la bourgeoisie a fait mollement la guerre, il ne s’ensuit pas qu’elle entendait se livrer à l’Allemagne. Tous les ouvriers, presque tous les paysans ont été résistants : la plupart des collaborateurs, c’est un fait, se sont recrutés parmi les bourgeois. Mais il n’en faut pas conclure que la bourgeoisie en tant que classe était favorable à la collaboration. D’abord elle a fourni de nombreux éléments à la résistance : la quasi-totalité des intellectuels, une partie des industriels et des commerçants ont milité contre la puissance occupante. Si l’on voulait définir un point de vue strictement bourgeois, il vaudrait mieux dire que la bourgeoisie conservatrice était dans son ensemble pétiniste et attentiste. On a dit que les intérêts du capitalisme sont internationaux et que la bourgeoisie française eût tiré profit d’une victoire de l’Allemagne. Mais c’est un principe abstrait : il s’agissait, en l’espèce, d’une subordination pure et simple de l’économie française à l’économie allemande. Les chefs d’industrie n’ignoraient pas que le but de l’Allemagne était de détruire la France comme puissance industrielle et, par conséquent, de détruire le capitalisme français. Et comment la bourgeoisie française, qui a toujours confondu l’autonomie nationale avec sa propre souveraineté de classe dirigeante, n’eût-elle pas compris que la collaboration, en faisant de la France un pays satellite de l’Allemagne, contribuait à ruiner la souveraineté bourgeoise ? Issu le plus souvent de la bourgeoisie, le collaborateur se retournait aussitôt contre elle. Pour Déat, pour Luchaire, le gaulliste était le prototype du bourgeois qui <n’a pas compris> parce qu’il tient à sa fortune.

⁸ Atentado contra Adolfo Hitler em 08.11.1938, por ocasião do aniversário do Putsch (golpe, atentado) na cervejaria em Munich por Johann Georg Elser (1903-1945) preso na fronteira da França com a Suíça e assassinado pela GESTAPO, após o frustrado ataque.

⁹ Thierry Maulnier (1909-1988) jornalista, teatrólogo, ensaísta ultra-direita e escritor eleito dirigente da Academia Francesa (1964).

¹⁰ O que é relativo ou favorável ao marechal Petain, suas opiniões, a sua atitude política durante a Segunda Guerra Mundial, ou que é inspirado por isso. Ele afirmou que os petinistas gostaram da França à sua maneira e que estavam mais perto dos gaullistas do que a resistência separatista (BEAUVOIR, Mandarins, 1954, p.552).

Do mesmo modo, devemos ter cuidado para não associar o colaborador ao burguês conservador. É certo que a burguesia estava muito hesitante desde Munique⁸. A burguesia temia uma guerra na qual Thierry Maulnier⁹ disse claramente que consagraria o triunfo do proletariado. Isso explica a má vontade de certos oficiais da reserva. Mas se a burguesia *fez corpo mole* na guerra, disso não se conclui que pretendia entregar-se à Alemanha. Todos os trabalhadores e quase todos os camponeses, foram resistentes: a maioria dos colaboradores, isto é um fato, foram recrutados entre os burgueses. Porém, não podemos concluir que a burguesia, como classe, era favorável à colaboração. Primeiramente, a burguesia forneceu numerosos elementos para a resistência: quase todos os intelectuais, uma parte dos industriais e comerciantes lutaram contra a potência ocupante. Se quisermos definir de um ponto de vista estritamente burguês, seria melhor dizer que a burguesia conservadora era em todo *pétiniste*¹⁰ e hesitante. Tem-se dito que os interesses do capitalismo são internacionais e que a burguesia francesa teria tirado proveito de uma vitória da Alemanha. Mas é um princípio abstrato: neste caso, tratá-se de uma subordinação pura e simples da economia francesa à economia alemã. Os industriais não desconheciam que o objetivo da Alemanha era destruir a França como potência industrial e, conseqüentemente, destruir o capitalismo francês. E como a burguesia francesa, que sempre confundiu a autonomia nacional com a própria soberania de classe dominante, não teria ela compreendido que a colaboração, tornando a França um país satélite da Alemanha, contribuiria para arruinar a soberania burguesa? O colaborador, na maioria das vezes, oriundo da burguesia se revoltaria imediatamente contra a burguesia. Para Déat, para Luchaire¹¹, o gaullista¹² era o protótipo do burguês que “não compreendeu” por que o burguês retém a sua riqueza.

¹¹ Rosita Chistiane Yvette Luchaire (1922-1950) atriz, de família ligada às artes e a literatura. Como seu ciclo de amizade era nazista, conheceu o embaixador Otto Abetz. Tentou suicídio por duas ocasiões. Sua colaboração causou sua prisão e foi sentenciada a 10 anos de indignidade nacional em 1946.

¹² Gaullista = de Gaulle (da Gália, da França) e também partidário do General De Gaulle e de sua política de luta contra a ocupação da França. Os Gaullistas eram nacionalistas e se opunham aos colaboradores

En réalité, la collaboration est un fait de désintégration, elle a été dans tous les cas une décision individuelle, non une position de classe. Elle représente à l'origine une fixation par des formes collectives étrangères d'éléments mal assimilés par la communauté indigène. C'est en cela qu'elle se rapproche de la criminalité et du suicide qui sont aussi des phénomènes de désassimilation. Partout où la vie sociale est restée intense, dans les foyers religieux ou politiques, ces phénomènes ne trouvent pas de place. Dès que des facteurs divers viennent interférer et provoquer une sorte d'hésitation sociale, ils apparaissent. Ainsi peut-on tenter une classification : il se recrute parmi les éléments marginaux des grands partis politiques : Déat, Marquet qui n'ont pu s'assimiler au parti socialiste S.F.I.O., Doriot exclu du parti communiste ; parmi les intellectuels qui vomissent la bourgeoisie, leur classe d'origine, sans avoir le courage ou la simple possibilité de s'intégrer au prolétariat : Drieu de la Rochelle qui fut obsédé toute sa vie à la fois par le fascisme italien et le communisme russe, Ramon Fernandez qui fut un temps communiste puis abandonna le parti communiste pour le P.P.F., parce que, disait-il, <j'aime les trains qui partent> (cette oscillation perpétuelle du fascisme au communisme, du communisme au fascisme est typique des forces de désintégration qui travaillent dans les zones marginales de la bourgeoisie); parmi les ratés du journalisme, des arts, de l'enseignement : c'est le cas de Laubreaux, qui fut critique de *Je suis partout*. Venu de Nouméa à la conquête de Paris, jamais assimilé, assommé dès son arrivée en France par un procès en plagiat, il a balancé longtemps entre la droite et la gauche, fut secrétaire infidèle d'Henri Béraud, puis rédacteur à la *Dépeche de Toulouse*, grand organe radical-socialiste du sud-Ouest, avant d'échouer dans les rangs des néo-fascistes français.

Na realidade, a colaboração é um fato de desintegração, em todos os casos, é uma decisão individual, não uma posição de classe. Ela representa, na sua origem, uma fixação por formas coletivas estrangeiras de elementos mal assimilados pela comunidade autóctone. É nesse sentido que a colaboração se aproxima do crime e do suicídio, que também são fenômenos de des-assimilação. Em toda parte, onde a vida social permaneceu intensa, em grupos religiosos ou políticos, esses fenômenos não acontecem. Desde que fatores diversos começam a interferir e provocam uma sorte de hesitação social, estes aparecem. Assim, pode-se tentar uma classificação: o colaborador é recrutado entre os indivíduos que estão à margem dos principais partidos políticos: como Déat¹³, Marquet¹⁴ que não puderam integrar-se ao partido socialista S.F.I.O.¹⁵, ou Doriot¹⁶ excluído do Partido Comunista; estavam entre os intelectuais que vomitam a burguesia, sua classe de origem, sem ter a coragem ou a simples possibilidade de integrar-se no proletariado: Drieu de la Rochelle¹⁷, que foi por toda a sua vida obscedado pelo fascismo italiano e pelo comunismo russo; ou Ramon Fernandez¹⁸, que era comunista, abandonou o Partido Comunista pelo o P.P.F., porque disse: "*Eu gosto dos trens que partem*" (essa oscilação perpétua do fascismo ao comunismo, e vice-versa é típica das forças de desintegração trabalham nas zonas marginais da burguesia); entre os fracassados do jornalismo, das artes, da educação: este é o caso de Laubreaux¹⁹, que criticou *Je suis partout*. Vindo da Nouméa para conquistar Paris, jamais incluído, oprimido desde sua chegada à França por um processo de plágio, ele oscilou por muito tempo entre a direita e a esquerda, foi secretário infiel de Henri Beraud²⁰, depois editor em *La Dépeche de Toulouse*, um grande periódico radical-socialista no sudoeste, antes de facassar nas fileiras dos neo-fascistas franceses.

¹³ Marcel Déat (1894 -1955) É um político francês, socialista e neo-socialista, figura de cooperação durante a Ocupação.

¹⁴Adrien Marquet (1884-1955) foi um político francês, cabeça visível da facção neosocialista da SFIO divisão em 1933, prefeito de Bordeaux e Ministro do Trabalho e dos Assuntos Internos.

¹⁵ A Seção Francesa da Internacional Operária (S.F.I.O.) foi um partido socialista francês criado em 1905 e ativo até 1969. Em 1969 torna-se o Partido Socialista Francês depois da união socialista na França. Após os encontros em Paris (1900) e Amsterdam (1904) foi redigida a *Declaration de principes* do S.F.I.O. Sobre a história dessa organização. Vide: BERSTEIN, Serg; CÉPÈDE, Frédéric. MORIN, Gilles; PROST, Antoine. *Le parti socialiste entre résistance et république*. Paris: Sorbonne, 2000. ISBN: 2-85944-409-2.

¹⁶ Jacques Doriot (1898-1945) jornalista, político (comunista, fascista e colaboracionista); foi membro do Partido Comunista Francês (PCF), após exclusão fundou o Partido Popular Francês (PPF); tomou posições contra a Frente Popular; contribuiu para a criação da Legião para os Voluntários Franceses contra o Bolchevismo (LVB); foi Tenente Alemão contra a frente Russa.

¹⁷ Pierre Drieu de la Rochelle (1893-1945) escritor francês (novelas, peças teatrais, romances, ensaios...), jornalista (Diretor da *La Nouvelle Française*); político (socialista, fascista e colaboracionista). Seu trabalho reflexivo refere-se à decadência de

uma burguesia, à experiência de sedução e ao engajamento no século, alternando lucidez lírica e desesperada, que levaram a comportamentos suicidas.

¹⁸ Ramon Fernandez, escritor e colaboracionista francês, membro do Partido Popular Francês (PPF), um grupo fascista criado por Jacques Doriot.

¹⁹ Alain Laubreaux (1899-1968) francês de Noumeia, jornalista (editor chefe do *Paris Matinal* e *Dépêche de Toulouse*); contribuiu ocasionalmente para vários jornais e para a *Revista Maurrassinne Candide*, escritor (apresentou diálogos e romances críticos sobre a burguesia; relatou aventuras de guerra e de condenado; fez trabalhos humorísticos, adaptou as falas da novela *Boulot Aviateur* para o cinema, que foi dirigido por Maurice de Canonge, em 1937), crítico literário e de teatro, pacifista, radical socialista, antisemita e colaboracionista. Criticou a frase *Je Suis Partout* (eu estou em toda parte). No cinema essa frase foi ironizada, no sentido de "um colaborador está em todos os lugares", no filme *Le Dernier Métro*, dirigido por François Truffant, em 1980.

²⁰ Henri Béraud (1885-1958) romancista e jornalista francês, extremamente polêmico: publicou contos; estudou sobre o humor de Lyon; publicou textos contra o Parlamento, a Academia Francesa, o governo anti-republicano, a *Action Française* e assinava seus artigos com o pseudônimo de Tristan Audebet. Foi Tenente da Artilharia alemã na Primeira Grande Guerra e participou da guerra no Crapeoutot com Jean Galtier-Boissière.

Mais il n'y a pas seulement dans une communauté des cas individuels de désintégration : des groupes entiers peuvent être arrachés à la collectivité par des forces qui s'exercent sur eux du dehors: c'est l'ultramontanisme, par exemple, qui explique l'attitude collaboratrice de certains membres du haut clergé. Il existait déjà pour eux, avant même qu'ils entrassent en rapport avec les puissances occupantes, une sorte d'attraction vers Rome qui agit comme force désaxante. Au contraire le petit clergé, solidement enraciné dans sa terre, gallican, fort éloigné de Rome, s'est montré dans son ensemble, farouchement résistant. Et surtout, la Révolution française, faute de vouloir et de pouvoir pousser jusqu'au bout ses principes, a laissé subsister en marge de la communauté démocratique un déchet qui s'est perpétué jusqu'à nos jours. Il serait exagéré de soutenir, comme on l'a fait, que la France a été coupée en deux depuis 1789. Mais, par le fait, pendant que la majorité des bourgeois s'accommodaient d'une démocratie capitaliste qui consacrait le régime de la libre entreprise, une petite part de la classe bourgeoise est demeurée en dehors de la vie nationale française parce qu'elle a refusé de adapter à la constitution républicaine. Pour les <émigrés de l'intérieur>, royalistes de l'Action française, fascistes de *Je suis partout*, l'effondrement de 1940 a été avant tout la fin de la République. Sans liens réels avec la France contemporaine, avec nos grandes traditions politiques, avec un siècle et demi de notre histoire et de notre culture, ils n'étaient protégés par rien contre la force attractive d'une communauté étrangère.

Mas não há apenas casos individuais de desintegração em uma comunidade: grupos inteiros podem ser arrastados da coletividade por forças que atuam de fora sobre eles: o ultramontanismo²¹, por exemplo, explica a atitude colaboradora de certos membros do alto clero. Existia para eles, mesmo antes de entrarem em relação com as potências de ocupação, uma sorte de atração em direção a Roma que atua como uma força descentralizadora. Por outro lado, o pequeno clero, solidamente enraizado em suas terras, galicano²², muito distante de Roma, mostrou-se como um todo, ferozmente resistente. E, sobretudo, a Revolução Francesa, por falta de querer e não podendo impulsionar seus princípios até o fim, deixou subsistir à margem da comunidade democrática decadência que se perpetuou até aos nossos dias. Seria um exagero sustentar, como já foi feito, que a França foi dividida em duas desde 1789. Mas, de fato, enquanto a maioria dos burgueses acomodou-se a uma democracia capitalista, que consagrava o regime da livre empresa, uma pequena parte da classe burguesa permaneceu fora da vida nacional francesa, porque ela recusou-se adaptar-se constituição republicana. Para os "emigrantes do interior", fiéis ao rei da ação francesa, fascistas do *Je suis parlout*, o colapso de 1940²³ foi antes de tudo o fim da República. Sem laços reais com a França contemporânea, com nossas grandes tradições políticas, com um século e meio de nossa história e nossa cultura, não foram suficientemente protegidos contra a força atrativa de uma comunidade estrangeira.

²¹ Doutrina teológica ultraconservadora francesa. No século XIX, o ultramontanismo opôs-se a ideologias decorrentes dos tumultos políticos e tecnológicos da revolução francesa e industrial.

²² Princípios e doutrinas conservadoras da igreja católica na França. O galicanismo tendia a restringir a autoridade do Papa em favor da dos bispos e dos representantes do povo no Estado, ou no monarca.

²³ A Batalha da França, também conhecida por *Queda da França*, foi a invasão da França e dos Países Baixos pela Alemanha Nazista, em 10 de maio de 1940 durante a Segunda Guerra Mundial.

Ainsi peut-on expliquer ce curieux paradoxe : la majorité des collaborateurs ont été recrutés parmi ce qu'on a appelé les < anarchistes de droite >. Ils n'acceptaient aucune loi de la République, se déclaraient libres de refuser l'impôt ou la guerre, recouraient à la violence contre leurs adversaires en dépit des droits reconnus par notre Constitution. Cependant c'est sur la conception d'un ordre rigoureux qu'ils étayaient leur indiscipline et leur violence : et lorsqu'ils ont offert leurs services à une puissance étrangère, il s'est trouvé tout naturellement que celle-ci était soumise à un régime dictatorial. C'est qu'en effet ces éléments, dont l'anarchie marque seulement la désintégration profonde, précisément parce qu'ils subissaient cette désintégration plutôt qu'ils ne la voulaient, n'ont cessé de souhaiter en contre-partie une intégration radicale. La liberté anarchique dont ils jouissaient, ils ne l'ont jamais assumée, jamais reprise à leur compte, ils n'avaient pas de courage de tirer les conséquences de leur attitude rigoureusement individualiste : ils poursuivaient, en marge de la société concrète, le rêve d'une société autoritaire où ils pourraient s'intégrer et se fondre. Ainsi ont-ils préféré l'ordre, que la puissance allemande leur paraissait représenter, à la réalité nationale dont ils s'étaient exclus.

Aucune classe ne porte donc, en tant que telle, la responsabilité de la collaboration. Celle-ci ne manifeste même pas, comme on l'a cru, un certain affaiblissement de l'idéal démocratique : elle mesure seulement les résultats, au sein des collectivités contemporaines, du jeu normal des forces sociales de désintégration. Le déchet social, pratiquement négligeable en temps de paix, devient très important dans le cas d'une défaite suivie d'occupation. Il serait injuste d'appeler la bourgeoisie une < classe > de collaboration. Mais on peut et on doit la juger en tant que classe sur le fait que la collaboration s'est recrutée presque exclusivement en son sein: cela suffit à montrer qu'elle a perdu son idéologie, sa puissance et sa cohésion interne.

Assim, podemos explicar esse curioso paradoxo: a maioria dos colaboradores foi recrutada entre aqueles que se nomeiam de "anarquistas de direita". Eles não aceitavam nenhuma lei da República, declaravam-se livres para recusar imposto ou a guerra; recorreram à violência contra seus adversários, apesar dos direitos reconhecidos pela nossa Constituição. Entretanto, foi numa concepção de uma ordem rigorosa em que eles apoiavam sua indisciplina e sua violência: e quando eles ofereceram seus serviços a uma potência estrangeira, ocorreu muito naturalmente, posto que estivesse submetido a um regime ditatorial. É que efetivamente estes elementos, nos quais a anarquia marca somente a desintegração profunda, precisamente porque eles se submetiam a essa desintegração mais do que a queriam, continuaram a desejar em troca uma integração radical. A liberdade anárquica, da qual eles gozavam, eles jamais assumiram e nunca lhes foi atribuída, eles não tiveram coragem de assumir as consequências de sua atitude rigorosamente individualista: eles perseguiam, à margem da sociedade concreta, o sonho de uma sociedade autoritária, onde eles poderiam se integrar e se fundir. Assim, eles preferiram a ordem, que o poder alemão lhes parecia representar, à realidade nacional da qual se tinham excluído.

Portanto, nenhuma classe suporta sobre si, enquanto tal, a responsabilidade pela colaboração. Esta responsabilidade nem mesmo se manifesta, como se pensou, um certo enfraquecimento do ideal democrático: ele mede apenas os resultados, dentro das coletividades contemporâneas, do jogo normal das forças sociais de desintegração. O fracasso social, praticamente negligenciável em tempo de paz, torna-se muito importante no caso de uma derrota seguida de uma ocupação. Seria injusto chamar a burguesia de uma "classe" de colaboração. Mas podemos e devemos julgá-la, enquanto classe, pelo fato de que a colaboração é recrutada quase que exclusivamente no seu seio: isto é suficiente para mostrar que a burguesia perdeu sua ideologia, seu poder e sua coesão interna.

Il ne suffit pas d'avoir déterminé l'aire sociale de la collaboration. Il y a une psychologie du collaborateur, dont nous pouvons tirer de précieux renseignements. Certes on peut décider a priori que les trahisons sont toujours motivées par l'intérêt et l'ambition. Mais si, peut-être, cette psychologie à grands traits rend plus faciles les classifications et les condamnations, elle ne correspond pas tout à fait à la réalité. Il y'a eu des collaborateurs désintéressés, qui ont souhaité en silence la victoire allemande sans tirer profit de leurs sympathies. La plupart de ceux qui ont écrit dans la presse ou participé au gouvernement étaient des ambitieux sans scrupules, cela est certain. Mais il en est aussi qui occupaient, avant la guerre, des situations assez importantes pour les dispenser d'une trahison. Et quelle étrange ambition: si, vraiment, cette passion est, en son fond, la recherche d'un pouvoir absolu sur les hommes, il y avait une contradiction manifeste dans l'ambition du collaborateur qui, l'eût-on mis à la tête du pseudo-gouvernement français, ne pouvait être qu'un agent de transmission. Ce n'était pas son prestige personnel mais la force des armées occupantes qui lui conférait son autorité ; soutenu par des armées étrangères, il ne pouvait être que l'agent de l'étranger. Premier en France, en apparence, il n'eût été, si le nazisme eût triomphé, que le millième en Europe. La véritable ambition, si les principes moraux n'y avaient suffi, eût dû le conduire à résister: le chef d'une petite troupe de maquisards avait plus d'initiative, plus de prestige et d'autorité réelle que Laval n'en a jamais eu. Si nous voulons comprendre l'attitude des collaborateurs, il faut donc les considérer sans passion et les décrire avec objectivité d'après leurs paroles et leurs actes.

Não basta determinar a área social da colaboração. Existe uma psicologia do colaborador, a partir da qual podemos extrair informações valiosas. Certamente podemos decidir *a priori* que as traições são sempre motivadas por interesse e ambição. Mas, se, talvez, essa psicologia dos grandes traidores facilite as classificações e as condenações, ela não corresponde totalmente à realidade. Houve alguns colaboradores desinteressados, que desejavam silenciosamente a vitória alemã sem tirar proveito de suas simpatias. A maioria destes que escreveram na imprensa ou participou do governo eram ambiciosos sem escrúpulos, isto é certo. Mas havia também, alguns que antes da guerra, ocupavam funções que eram importantes o suficiente para ter que dispensá-los de uma traição. E que estranha ambição: se, realmente, essa paixão é, em seu contexto, a busca de um poder absoluto sobre os homens, havia aí uma contradição manifesta na ambição do colaborador, que tinha colocado na cabeça que o pseudogoverno francês, não poderia ser senão um agente de transição. Não era o seu prestígio pessoal, mas a força dos exércitos ocupantes que lhe conferiam sua autoridade; apoiado por exércitos estrangeiros, ele só poderia ser o agente do estrangeiro. Primeiro que na França, aparentemente, se o nazismo tivesse triunfado, ele não teria sido senão uma parte ínfima da Europa. A verdadeira ambição, como se os princípios morais não bastassem aí, teve de conduzir a resistir: [a exemplo do] chefe de uma pequena tropa de *maquisards*²⁴, teve mais iniciativa, mais prestígio e autoridade real do que Laval²⁵ jamais teve. Se quisermos compreender a atitude dos colaboradores, devemos considerá-los sem paixão e descrevê-los objetivamente de acordo com suas palavras e ações.

²⁴ O *Maquis* é um termo que designa os grupos da resistência francesa durante a Segunda Guerra Mundial que se escondiam em zonas montanhosas com vegetação tipo bosques ou *maquis* para atacar de surpresa os nazis, assim como para designar os locais onde se escondiam. Os *maquisards* = nome genérico porque eram conhecidos esses resistentes. Fonte: <https://www.thefreedictionary.com/maquisards>

²⁵ Pierre Laval (1883-1945) político francês (socialista na juventude e pacifista durante a I Guerra mundial). Participou do governo *francês* entre 1925 e 1926, ocupando o cargo de Ministro das Obras Públicas. Primeiro-Ministro da França (1942 a 1944) na época da Segunda Guerra Mundial durante o governo Pétain (40-44). Após a derrota dos alemães foi julgado por traição e violação da segurança do Estado, pois colaborou com o inimigo tendo sido condenado à morte por fuzilamento em 15 de outubro de 1945. Fonte: <http://operamundi.uol.com.br/conteudo/historia>

Il va de soi qu'ils ont tous cru d'abord à la victoire allemande. On ne conçoit pas un journaliste, un écrivain, un industriel ou un politicien qui eût accepté de profiter quatre ans seulement des avantages de l'occupation, en sachant ou en pressentant que son équipée se terminerait par l'emprisonnement ou par la mort. Mais cette erreur intellectuelle qui permet de comprendre leur attitude ne saurait la justifier : j'ai connu beaucoup de gens qui, en 1940, croyaient l'Angleterre perdue ; les faibles se sont abandonnés au désespoir, d'autres se sont enfermés dans une tour d'ivoire, d'autres enfin ont commencé la résistance, par fidélité à leurs principes, en pensant que l'Allemagne avait gagné la guerre, mais qu'il restait en leur pouvoir de lui faire perdre la paix. Si les collaborateurs ont conclu de la victoire allemande à la nécessité de se soumettre à l'autorité du Reich c'est qu'il y avait chez eux une décision profonde et originelle qui constituait le fond de leur personnalité : celle de se plier au fait accompli, quel qu'il fût. Cette tendance première qu'ils décoraient eux-mêmes du nom de <réalisme> a des racines profondes dans l'idéologie de notre temps. Le collaborateur est atteint de cette maladie intellectuelle qu'on peut appeler l'historicisme.

É natural que, inicialmente, todos os colaboradores tenham acreditado, na vitória alemã. Porém, não se concebe um jornalista, um escritor, um industrial ou um político que tivesse aceitado tirar proveito por apenas quatro anos das vantagens da ocupação, não sabendo ou pressentir que seu grupo terminaria sendo preso ou morto. Mas este erro intelectual que permite compreender sua atitude o justificaria: eu conheci muitas pessoas que, em 1940, acreditavam que a Inglaterra estava perdida; os fracos caíram no desespero, outros se trancaram em uma torre de marfim, outros começaram a resistência, por fidelidade aos seus princípios, pensando que a Alemanha teria vencido a guerra, permaneceu em seu poder para fazê-la perder a paz. Se os colaboradores concluíssem da vitória alemã que era necessário se submeter à autoridade do *Reich*²⁶, era porque havia neles uma decisão profunda e original que constituía o pano de fundo da sua personalidade: a de aceitar o fato consumado, quem quer que fosse. Esta primeira tendência que eles mesmos nomeavam de "realismo" tem raízes profundas na ideologia do nosso tempo. O colaborador é atingido por esta doença intelectual que pode ser nomeado de historicismo.

²⁶ A ideia do Reich (Império) vem do final do primeiro milênio da história: Reich = poder, domínio (político, racial). A partir do Sacro Império Romano-Germânico. Em latim: Sacrum Romanum Imperium. Em alemão: Heilige Römische Reich. Era um conglomerado de territórios da Europa Central que para muitos historiadores iniciou-se em 25/12/800, com a coroação de Carlos Magno, em Roma, pelo Papa Leão III, e, terminou em 1806 com Francisco II. Estados participantes: Alemanha, Áustria, Suíça, Liechtenstein, Luxemburgo, República Tcheca, Eslovênia e Países Baixos, inclusive a Bélgica, país desde 1830. Carlos Magno era um gigante analfabeto, adepto da caça de animais silvestres e selvagens. Ele tinha um grande interesse pela cultura, sobretudo por matemática, astrologia e astronomia. Criou uma Escola Palaciana em Aix-la-Chapelle (atual Aachen-Alemanha), dirigida pelo humanista inglês Alcuino. De Aix-la-Chapelle Carlos Magno comandou seu império até morrer em 814. O Sacro Império continuou com dificuldades pelas distâncias e limitações nas comunicações e a diversidade de línguas e culturas. Seu declínio iniciou-se em 1499 quando a Suíça resolveu sair do Império e formar a Confederação Helvética. Depois a região alemã da Prússia fortaleceu-se e passou a influenciar várias partes do Império. A partir de 1792 a França entrou em luta com o Império. As guerras napoleônicas puseram fim ao

Sacro Império Romano-Germânico. No seu livro: *Essai sur l'histoire générale et sur les mœurs et l'esprit des nations* (1756), Voltaire diz que o Sacro Império Romano-Germânico: “não era sacro, nem Romano e nem Império”. O medievalista inglês Henry R. Loyn, comenta a frase de Voltaire dizendo que ela “possui substanciais elementos de verdade, e, não obstante, não pode ser negada a importância da teoria imperial como força modeladora, especialmente na história alemã”. (Cf. Henry R. Loyn, Dicionário da Idade Média, tradução de Álvaro Cabral, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1990 – ISBN: 0-500-25103-7 (edição original) ISBN: 85-7110-151-5 (JZE, RJ), p. 331, 332. Um exemplo de ação bárbara do Reich de Hitler: foi o ataque a Ouradour, aldeia situada perto de Limoges (França) em 10.06.1944, a Divisão SS do Reich alemão massacrou toda a população. Mais de 600 pessoas foram baleadas ou queimadas vivas na igreja da aldeia. Vide: BEAUVOIR, Simone. La force d'âge. Ed. Galimard, 1960. BEAUVOIR, Simone. A força da idade. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 2010.

L’histoire nous apprend en effet qu’un grand événement collectif soulève, dès son apparition, des haines et des résistances, qui, pour être parfois fort belles, seront considérées plus tard comme inefficaces. Ceux qui se sont dévoués à une cause perdue, pensaient les collaborateurs, peuvent bien apparaître comme de belles âmes : ils n’en sont pas moins des égarés et des attardés dans leur siècles. Ils meurent deux fois puisqu’on enterre avec eux les principes au nom desquels ils ont vécu. Les promoteurs de l’événement historique, au contraire, qu’il s’agisse de César ou de Napoléon ou de Ford, seront peut-être blâmés de leur temps au nom d’une certaine éthique; mais cinquante ans, cent ans plus tard on ne se souviendra que de leur efficacité et on les jugera au nom des principes qu’ils ont eux-mêmes forgés. J’ai cent fois relevé chez les plus objectifs, cette tendance à entériner l’événement accompli simplement parce qu’il est accompli. Ils confondent la nécessité de se soumettre au fait, en tant qu’ils sont des chercheurs, avec une certaine inclination à l’approuver moralement, en tant qu’ils sont des agents moraux. Les collaborateurs ont repris à leur compte cette philosophie de l’histoire. Pour eux, la domination du fait va avec une croyance vague au progrès, mais à un progrès décapité : la notion classique de progrès, en effet, suppose une ascension qui rapproche indéfiniment d’un terme idéal. Les collaborateurs s’estiment trop positifs pour croire sans preuve à ce terme idéal et, par conséquent, au sens de l’histoire. Mais, s’ils repoussent au nom de la science ces interprétations métaphysiques, ils n’abandonnent pas pour autant l’idée de progrès : celui-ci se confond pour eux avec la marche de l’histoire.

A história nos ensina que um grande evento coletivo produz, assim que aparece, ódio e resistência, reações que por vezes são muito significativas, que serão considerados mais tarde ineficazes. Aqueles que se dedicaram a uma causa perdida pensavam que os colaboradores, podem muito bem, aparecer como belas almas: no entanto, eles não são menos perdidos e atrasados em seus séculos. Eles morrem duas vezes porque enterram com eles os princípios em nome dos quais eles viveram. Os promotores do evento histórico, pelo contrário, quer se trate de César ou Napoleão ou Ford²⁷, será talvez criticado por seu tempo em nome de uma determinada ética; mas cinquante anos, cem anos depois, só nos lembramos de sua eficácia e os julgamos em nome dos princípios que eles próprios forjaram. Eu já frisei cem vezes entre os mais objetivos, essa tendência para aprovar²⁸ o evento realizado simplesmente porque ocorreu. Eles confundem a necessidade de se submeter ao fato, enquanto pesquisadores, com uma certa inclinação a endossá-lo moralmente, na medida em que são agentes morais. Os colaboradores adotam para si esta filosofia da história. Para eles, a dominação do fato ocorre com uma vaga crença no progresso, mas, um progresso decapitado: a noção clássica de progresso, de fato, supõe uma ascensão que se aproxima indefinidamente de uma meta ideal. Os colaboradores se consideram muito realistas para acreditar sem prova nesse termo ideal e, conseqüentemente, no sentido da história. Mas se, em nome da ciência, eles afastam estas interpretações metafísicas, eles não abandonam a ideia de progresso: o progresso, para eles confunde-se com a marcha da história.

²⁷ Henry Ford (1863-1947) americano de Springwells foi o primeiro a implantar o sistema de produção em série, onde o operário cumpria a sua função específica colocando as peças em tempo recorde e de modo automatizado, conforme o carro passava na esteira; assim um veículo era montado em 98 minutos. Essa visão de desenvolvimento e progresso foi refletida criticamente por Charles Chaplin (1889-1977), um cineasta londrino, que também era ator, cujo personagem do cinema mudo era “Carlitos” e que realizou 18 filmes. Sartre elenca o Imperador romano Júlio César, o Imperador francês Napoleão e o engenheiro Henry Ford para demonstrar que a noção de

desenvolvimento envolve interesses econômicos e políticos, criatividade na sua área e atuações individual que são aceitas e respeitadas como progressistas. Contudo, precisamos refletir as conseqüências.

²⁸ Entériner = efetivar o que era interino, aprovar. Esta frase de Sartre: “cette tendence à entériner l’événement accompli simplement parce qu’il est accompli” está citada no *Dictionner Petit Robert*. Paris: Le Robert, 1984, vocábulo: entériner, p.654.

On ne sait où l'on va, mais puisqu'on change, c'est qu'on s'améliore. Le dernier phénomène historique est le meilleur simplement parce qu'il est le dernier : on entrevoit qu'il contribue à façonner la figure humaine, cette ébauche à qui chaque instant qui passe apporte une retouche, on est saisi par une sorte de pithiatisme et l'on s'abandonne passivement aux courants qui s'esquissent, on flotte vers une destination inconnue, on connaît les délices de ne pas penser, de ne pas prévoir et d'accepter les obscures transformations qui doivent faire de nous des hommes nouveaux et imprévisibles. Le réalisme dissimule ici la crainte de faire le métier d'homme – ce métier têtu et borné qui consiste à dire oui ou non selon des principes, à <entreprendre sans espérer, à persévérer sans réussir> - et un appétit mystique du mystère, une docilité à in avenir qu'on renonce à forger et qu'on se borne à augurer. L'hégélianisme mal compris a, bien entendu, son mot à dire. On accepte la violence parce que tous les grands changements sont basés sur la violence et l'on confère à la force une obscure vertu morale. Ainsi le collaborateur se place pour estimer ses actes dans le plus lointain avenir : ce rapprochement avec l'Allemagne qu'il méditait contre l'Angleterre, nous le considérons, nous, comme une rupture d'engagement et un injustifiable manque de parole. Le collaborateur, quoique vivant dans notre siècle, le jugeait du point de vue des siècles futurs, tout juste comme l'historien juge la politique de Frédéric II ; il lui avait déjà trouvé un nom : c'était tout simplement un <renversement d'alliances> qui avait des antécédents et des exemples nombreux dans l'histoire.

Nós não sabemos para onde vamos, mas desde que estamos mudando, estamos melhorando. O último fenômeno histórico é o melhor simplesmente porque é o último: intervê-se que isso contribui para moldar a figura humana, este esboço que a cada instante que passa recebe um retoque, somos tomados por uma sorte de *pithiatismo*²⁹ e nos abandonamos passivamente às correntes que esboçam, flutuamos em direção a um destino desconhecido, conhecemos as delícias de não pensar, de não prever e aceitar as obscuras transformações que devem tornar-nos novos e imprevisíveis. O realismo dissimula aqui o temor de assumir a tarefa do homem – esta ocupação tenaz e limitada que consiste em dizer sim ou não de acordo com os princípios, em "empreender sem esperança, perseverar sem sucesso" - e um apetite místico por mistério, uma docilidade para o futuro que renunciamos a forjar, limitando-se a desejar, a sonhar. O hegelianismo mal interpretado tem, é claro, sua palavra a dizer. Aceita-se a violência porque todas as grandes mudanças são baseadas em violência, e confere-se à força uma obscura virtude moral. Assim, o colaborador coloca-se no mais longínquo futuro para medir seus atos: essa reconciliação com a Alemanha, que ele pensava contra a Inglaterra, nós a consideramos como uma ruptura de engajamento e uma injustificada falta de palavra. O colaborador, embora vivendo em nosso século, julgava-se do ponto de vista dos séculos futuros, assim como o historiador julgou a política de Frederico II³⁰; e que já havia encontrado um nome para ele: “*quebra de alianças*” que tinha muitos antecedentes e numerosos exemplos na história.

²⁹ Do grego, *peitô* = persuadir + *iato* = curável. É uma perturbação psíquica, que pode ser curada pela persuasão através de sugestões, como no caso da histeria.

³⁰ Frederico II da Prússia (1712-1786) um Príncipe modelo de despota esclarecido: amante da cultura, artes, letras e filosofia, reconhecido por suas vitórias militares, reorganização do exército prussiano, o que lhe rende o título: FREDERICO, O GRANDE.

Cette façon de juger l'événement à la lumière de l'avenir a été, je crois, pour tous les Français une des tentations de la défaite : elle représentait une forme subtile d'évasion. En sautant quelques siècles et en se retournant sur le présent pour le contempler de loin et le replacer dans l'histoire, on le changeait en passé et on masquait son caractère insoutenable. On voulait oublier une écrasante défaite en ne l'envisageant plus que dans ses conséquences historiques. Mais on oubliait que l'histoire, si elle se comprend rétrospectivement et par grandes masses, se vit et se fait au jour le jour. Ce choix de l'attitude historiciste et cette passivité continue du présent est typique de la collaboration. Les moins coupables sont des idéalistes désillusionnés qui, lassés de proposer en vain leur idéal, ont cru tout à coup qu'il fallait l'imposer. Si, par exemple, le pacifisme français a fourni tant de recrues à la collaboration c'est que les pacifistes, incapables d'enrayer la guerre, avaient tout à coup décidé de voir dans l'armée allemande la force qui réalisait la paix. Leur méthode avait été jusqu'alors la propagande et l'éducation. Elle s'était révélée inefficace. Alors ils se sont persuadés qu'ils changeaient seulement de moyen: ils se sont placés dans l'avenir pour juger de l'actualité et ils ont vu la victoire nazie apporter au monde une paix allemande comparable à la fameuse paix romaine. Le conflit avec la Russie puis avec l'Amérique ne leur a pas ouvert les yeux : ils y ont vu simplement des maux nécessaires. Ainsi est né un des paradoxes les plus curieux de ce temps: l'alliance des pacifistes les plus ardents avec les soldats d'une société guerrière.

Este modo de julgar o evento à luz do futuro foi, creio eu, para todos os franceses uma das tentações da derrota: modo de julgar representava uma forma sutil de fuga. Passando alguns séculos e retornando para o presente para contemplá-lo à distância e ao recolocá-lo de volta na história, nós mudaríamos para o passado e nós dissimularíamos seu caráter insustentável. Nós queríamos esquecer uma derrota esmagadora e não consideraríamos senão em suas consequências históricas. Porém, foi esquecido que a história, se for compreendida retrospectivamente pelas grandes massas, se vive e se faz no dia a dia. Esta escolha da atitude historicista e esta contínua volta do presente ao passado é típica da colaboração. Os menos culpados são os idealistas desiludidos que, cansando de propor em vão seu ideal, acreditaram facilmente que era necessário impô-lo. Se, por exemplo, o pacifismo francês forneceu tantas recrutas para colaboração, foi porque os pacifistas, incapazes de bloquear a guerra, imediatamente decidiram ver no exército alemão a força que realizaria a paz. Seu método, tinha sido até então a propaganda e a educação. Essa metodologia revelou-se ineficaz. Então se convenceram de que eles apenas estavam mudando o meio de agir: eles se colocaram no futuro para julgar a atualidade e eles viram a vitória nazista trazer para o mundo uma paz alemã comparável à famosa paz romana³¹. O conflito com a Rússia e depois com a América não abriu os olhos dos colaboradores: eles simplesmente viram no conflito um mal necessário. Assim nasceu um dos paradoxos mais curiosos desse tempo: a aliança dos pacifistas mais inflamados com os soldados de uma sociedade de guerra.

³¹ Sartre aqui faz uma sátira à expressão latina: PAX ROMANA = PAZ DE ROMA. Segundo os historiadores as poderosas Legiões Romanas eram enviadas às regiões dominadas em rebelião e destruíam tudo, depois colocavam um grande cartaz: PAX ROMANA, isto é, tudo pacificado.

Par sa docilité aux faits – ou plutôt à ce fait unique : la défaite française – le collaborateur < réaliste > fait une morale renversée: au lieu de juger le fait à la lumière du droit, il fonde le droit sur le fait ; sa métaphysique implicite, identifie l'être et le devoir-être. Tout ce qui est est bien ; ce qui est bien c'est ce qui est. Sur ces principes, il bâtit hâtivement une éthique de la virilité. Empruntant à Descartes sa maxime < Tâcher plutôt de se vaincre que de vaincre le monde >, il pense que la soumission aux faits est une école de courage et de dureté virile. Pour lui, tout ce qui ne prend pas son point de départ dans une appréciation objective de la situation n'est qu'une rêverie de femme et de songe-creux. Il explique la résistance non pas par l'affirmation d'une valeur mais par un attachement anachronique à des mœurs et à une ideologie mortes. Il se cache cependant cette contradiction profonde: c'est qu'il a *choisi*, lui aussi, les fait dont il veut partir. La puissance militaire de la Russie, la puissance industrielle de l'Amérique, la résistance têtue de l'Angleterre sous le < blitz >, la révolte des Européens asservis, l'aspiration des hommes à la dignité et à la liberté, ce sont aussi des fait. Mais il a choisi, au nom du réalisme, de ne pas en tenir compte. D'où la faiblesse interne de son système : cet homme qui parle sans cesse de la < dure leçon des faits > n'a retenu que les fait qui avantagent sa doctrine. Il est perpétuellement de mauvaise foi, dans sa hâte d'écarter ce qui le gêne : c'est ainsi que Déat, quinze jours après l'entrée des Allemands en U.R.S.S., ne craignait pas d'écrire < A présent que le colosse russe s'est effondré... >

Por sua submissão aos fatos - ou melhor, com esse fato único: a derrota francesa - o colaborador "realista" tem uma moral invertida: em vez de julgar o fato à luz do direito, ele fundamenta o direito sobre o fato; sua metafísica implícita, identifica o ser e o dever-ser. Tudo o que existe é bem; o que é bem é o que existe. Sobre esses princípios, ele constrói rapidamente uma ética da virilidade. Repetindo a máxima de Descartes: “*primeiro procurar vencer a si mesmo, depois vencer o mundo*”³², o colaborador pensa que a submissão aos fatos é uma escola de coragem e brutalidade viril. Para o colaborador, tudo o que não toma seu ponto de partida em uma avaliação objetiva da situação é apenas um devaneio feminino e uma quimera. Ele explica a resistência não pela afirmação de um valor, mas por um apego anacrônico aos costumes passados e a uma ideologia já morta. Entretanto, ele se esconde nessa profunda contradição: aquilo que escolheu, ele também os considera para deliberar. A força militar da Rússia, a potência industrial da América, a resistência obstinada da Inglaterra sob o ataque, a revolta dos europeus escravizados, a aspiração dos homens à dignidade e à liberdade, também são fatos. Mas ele escolheu, em nome do realismo, não os considerar. Daí a fraqueza interna de seu sistema: este homem que fala incessantemente da "dura lição dos fatos" manteve apenas os fatos que favorecem sua doutrina. Ele está perpetuamente de má fé, na sua pressa de livrar-se do que o incomoda: é assim que Déat, quinze dias após a entrada dos alemães na URSS, não temia em escrever: “*Agora o colosso russo entrou em colapso*”.

³² Sartre refere-se a Descartes (1596-1650) do *Discurso do Método* (1637), III parte: Moral Provisória, onde Descartes apresentou as quatro regras para garantir uma vida tranquila: 1- Obedecer as leis e os costumes do país; 2- Ser firme e resoluto em suas ações; 3- Tentara sempre ser vencido por mim mesmo, e não pela fortuna e mudar eu mesmo meus desejos para que não o

faça a ordem do mundo, o destino; 4- Empréstimo toda a minha vida a cultivar a razão e o conhecimento da verdade. Pois, para Descartes, a dúvida tem em vista os conhecimentos teóricos, mas não pode suspender as urgências da existência. Daí a necessidade de uma *moral "provisória"*, para Descartes, ao passo que, Sartre ressalta aqui a importância de uma reflexão moral *em situação*.

Tenant pour acquise la victoire allemande, le collaborateur vise à remplacer les rapports juridiques de réciprocité et d'égalité entre les nations et entre les hommes, par une sorte de lien féodal de suzerain à vassal. Chateaubriant se considère comme l'homme-lige de Hitler. Faute d'être intégré dans la société française et d'être soumis aux lois universelles d'une communauté, le collaborateur cherche à s'intégrer à un système nouveau où les relations tombent dans la singularité et vont de personne à personne. Son réalisme l'y aide : le culte du fait particulier et le mépris du droit, qui est universalité, le conduisent à se soumettre à des réalités rigoureusement individuelles : un homme, un parti, une nation étrangère. Dès lors sa morale, variable et contradictoire, sera la pure obéissance aux caprices du suzerain ; Déat se contredit cent fois, selon les ordres qui lui viennent d'Abetz. Il n'en souffre pas : la cohérence de son attitude consiste justement à changer de point de vue autant de fois que le maître le veut. Mais cette soumission féodale n'est pas elle-même sans contradiction profonde. Si Machiavel est le maître à penser des dictateurs, c'est Talleyrand qui est le modèle du collaborateur. Cet ambitieux se content d'un rôle subordonné : mais c'est qu'il pense avoir une partie à jouer. Sa fidélité à l'Allemagne est sujette à caution. Combien de politiciens vichyssois ou parisiens ont répété durant l'occupation : < Les Allemands sont des enfants ; ils ont un complexe d'infériorité vis-à-vis de la France : nous les aurons comme nous voudrions.> Les uns envisageaient de supplanter les Italiens dans leur rôle de < brillants seconds>, les autres estimaient que leur heure sonnerait lorsque l'Allemagne et l'Amérique suhaieraient qu'une tierce puissance amorçât des pourparlers.

Considerando obtida a vitória alemã, o colaborador pretende substituir as relações jurídicas de reciprocidade e igualdade entre as nações e entre os homens, por uma espécie de vínculo feudal de soberania ao vassalo. Chateaubriant³³ se considera o homem de ligação com Hitler. Por falta de integração na sociedade francesa e estar sujeito às leis universais de uma comunidade, o colaborador procura integrar-se a um novo sistema onde as relações se enquadram na singularidade e vão de pessoa a pessoa. Seu realismo o ajuda: o cultivo do fato particular e o desprezo do direito, que é universalidade, o conduzem-no a submeter-se a realidades rigorosamente individuais: um homem, um partido, uma nação estrangeira. A partir de então, sua moral, variável e contraditória, será pura obediência aos caprichos do soberano; Déat contradiz-se cem vezes, de acordo com as ordens que vêm de Abetz³⁴. Ele não sofre disso: a coerência de sua atitude consiste justamente em mudar seu ponto de vista quantas vezes o mestre quiser. Mas essa submissão feudal não é por si mesma sem profunda contradição. Se Machiavel é o mestre intelectual dos ditadores, Talleyrand³⁵ é o modelo do colaborador. Este ambicioso contenta-se com um papel de subordinado: mas é porque ele pensa que tem um papel a desempenhar. Sua lealdade à Alemanha está sujeita a precaução. Quantos políticos seguidores de Vichy ou parisienses repetiram durante a ocupação: "Os alemães são crianças; eles têm um complexo de inferioridade em relação à França: nós os teremos como nós quisermos". Alguns projetavam suplantar os italianos em seu papel de "brilhantes auxiliares", os outros estimavam que a sua hora chegaria quando a Alemanha e América desejassem que uma terceira potência tomasse parte das negociações.

³³ Alphonse Chateaubriant (1877-1951) nasceu em Rennes, na Bretanha, norte da França. Estudou na Escola Militar de Saint-Cyr, mas não seguiu a carreira. Foi escritor e médico. Em 1911 ganhou o prêmio literário Goncourt e em 1923 ganhou o prêmio da Academia Francesa para Romance. Após a 1ª Guerra Mundial ele trabalhou pela reconciliação franco-alemã, pois achava que essa era a maneira de evitar outra guerra. Germanófilo profetista, ele aderiu à doutrina nacionalista de Hitler a quem ele atribui um misticismo religioso, que mostra no livro "A Resposta do Senhor". Em maio de 1937 pronunciou-se a favor da ideologia de Hitler vendo uma compatibilidade entre o Cristianismo e o Nazismo. Encontrou-se com Hitler, em Berchtesgaden, em 13.08.1938, em quem via um novo Messias. Trabalhou pela independência da Bretanha, sua região, pois queria que ela se unisse à Alemanha Nazista. Na ocupação alemã foi colaborador. Terminada a guerra ele fugiu para a Áustria em 25.10.1945 com o nome de Dr. Alfred Wolf. Na França ele foi condenado à morte, mas nunca foi executado. Morreu em 1951.

³⁴ Heinrich Otto Abetz (1903-1958) um francófilo ardente; coordenou o Ciclo franco-alemão de Sohlberg com Pierre Drieu de la Rochelle e Jacques Benoist-Mechin, que reuniu vários segmentos ideológicos: pacifistas, esquerdistas e fascistas; foi Embaixador alemão em Vichy (França) durante o período da ocupação.

³⁵ Charles-Maurice Talleyrand-Perigord (1754-1838) é o autor da seguinte frase: "La parole a été donnée à l'homme pour déguiser sa pensée" (A palavra foi dada ao homem para dissimular seu pensamento). Parisiense, bispo, diplomata e político de vários governos (Luiz XVIII e Napoleão Bonaparte), sob a alegação que servia a França e não aos governos. Ele foi responsável por restaurar a Dinastia dos Bourbon; foi por duas vezes Ministro das Relações Exteriores; participou do Congresso de Viena para estabelecer os limites dos reinados da Europa; participou da criação da Bélgica em 1830. Acusado de cínico e imoral; foi uma figura polêmica; está enterrado na Igreja de Notre-Dame.

Ayant posé la force comme source du droit et comme l'apanage du maître, le collaborateur s'est réservé la ruse. Il reconnaît donc sa faiblesse et ce prête de la puissance virile et des vertus masculines s'accommode des armes du faible, de la femme. On relèvera partout dans les articles de Chateaubriant, de Drieu, de Brasillach de curieuses métaphores qui présentent les relations de la France et de l'Allemagne sous l'aspect d'une union sexuelle où la France joue le rôle de la femme. Et très certainement la liaison féodale du collaborateur à son maître, a un aspect sexuel. Pour autant qu'on puisse concevoir l'état d'esprit de la collaboration, on y devine comme in climat de féminité. Le collaborateur parle au nom de la force, mais el n'est pas la force : il est la ruse, l'astuce qui s'appuie sur la force, il est même le charme et la séduction puisqu'il prétend jouer de l'attrait que la culture française exerce, d'après lui, sur les Allemands. Il me paraît qu'il y a là un curieux mélange de masochisme et d'homosexualité. Les milieux homosexuels parisiens, d'ailleurs, ont fourni de nombreuses et brillantes recrues.

Tendo estabelecido a força como fonte de direito e como prerrogativa do mestre, o colaborador reservar-se à esperteza. Ele reconhece sua fraqueza, e usa a sua potência viril e as virtudes masculinas para adapta-se às armas dos fracos, da mulher. Frequentemente nos artigos de Chateaubriant, Dréieu e Brasillach³⁶, encontraremos curiosas metáforas que expressam as relações da França e da Alemanha sob a aparência de uma união sexual na qual a França desempenha o papel da mulher. Com toda certeza a ligação feudal do colaborador com seu senhor, tem um aspecto sexual. Por mais que possamos conceber o estado de espírito da colaboração, podemos entrevê como um clima de feminilidade. O colaborador fala em nome da força, mas ele não é a força: ele é a trapaça, a astúcia que se apoia na força, ele é mesmo o charme e a sedução, uma vez que, ele pretende jogar com a atração que a cultura francesa exerce, de acordo com ele, sobre os alemães. Parece-me que há aí uma curiosa mistura de masoquismo e de homossexualidade. Os círculos homossexuais em Paris, a propósito, forneceram muitos recrutas brilhantes.

³⁶ Robert Brasillach (1909-1945) foi membro do Semanário Dépêche de Toulouse, editado nos anos de 1939-1941, cujo primeiro editor foi Arthème Fayard. Seus mentores eram convencidos da “decadência” da França, por isso tornam-se antidemocráticos, nacionalista e continuamente seduzidos pelo fascismo. Após o fechamento do jornal todos são julgados e condenados.

Mais ce qui constitue peut-être la meilleure explication psychologique de la collaboration, c'est la haine. Le collaborateur semble rêver d'un ordre féodal at rigoureux : nous l'avons dit, c'est le grand rêve d'assimilation d'un élément désintégré de la communauté. Mais il s'agit seulement d'un songe. En fait il hait cette société où il n'a pu jouer de rôle. S'il rêve de lui donner le mors fasciste, c'est pour l'asservir et la réduire pratiquement à l'état de machine. Il est typique que Déat ou Luchaire ou Darnand fussent parfaitement conscients de leur impopularité. Ils ont écrit cent fois, avec une lucidité entière, que l'immense majorité du pays désapprouvait leur politique. Mais ils étaient loin de déplorer l'indignation et la fureur qu'ils provoquaient : elles leur étaient nécessaires. Par elles, ils réalisaient sous eux comme une totalité impuissante et vainement révoltée, cette communauté française où ils n'avaient pu se fondre et qui les excluait. Puisqu'ils ne pouvaient y réussir de l'intérieur, ils la materaient le l'extérieur; ils s'intégreraient à l'Europe allemande pour violer cette nation orgueilleuse. Peu leur importait d'être esclaves de Hitler, s'ils pouvaient infecter la France entière de cet esclavage. Telle était la nature particulière de leur ambition. Chez Drieu la Rochelle, les choses n'étaient pas si simple : il a commencé par se haïr lui-même. Il s'est peint tout au long de vingt années comme un désaxé, un désintégré, un <homme de trop> et il a rêvé pour lui-même une discipline de fer qu'il était incapable de se donner spontanément. Mais cette haine de soi est devenue – comme en témoigne Gilles – une haine de l'homme. Incapable de supporter cette dure vérité : <Je suis un enfant faible et veule, lâche devant mes passions>, il a voulu se voir comme un produit typique d'une société tout entière pourrie. Il a rêvé le fascisme pour elle alors qu'il lui aurait suffi de se donner à lui-même des règles strictes de conduite: il a voulu anéantir l'humain en lui et chez les autres, en transformant les sociétés humaines en fourmilières. Pour ce pessimiste, l'avènement du fascisme correspondait au fond au suicide de l'humanité.

Mas talvez a melhor explicação psicológica da colaboração seja o ódio. O colaborador parece sonhar com uma ordem feudal e rigorosa: como dissemos, é o grande sonho de uma assimilação de um elemento desintegrado da comunidade. Mas trata-se apenas de um sonho. De fato, ele odeia essa sociedade onde ele não poderia desempenhar um papel. Se ele sonha em dar a comunidade costumes fascistas, para escravizá-la e a reduzi-la praticamente ao estado de máquina. É típico que Déat ou Luchaire ou Darnand³⁷, estivessem perfeitamente conscientes da sua impopularidade. Eles escreveram cem vezes, com total lucidez, que a imensa maioria do país desaprovava sua política. Mas eles estavam longe de lamentar a indignação e a fúria que provocavam: estas reações lhes eram necessárias. Por estas reações, eles realizam em si mesmos, como que uma totalidade impotente e vãmente revoltada, esta comunidade francesa, na qual eles não puderam integrar-se pois os excluía. Visto que não podiam triunfar no interior da comunidade, eles a humilhavam do exterior; eles estariam interessados na Europa alemã para violar essa nação orgulhosa (França). Pouco importava a eles se fossem escravos de Hitler e se eles podiam infectar toda a França com essa escravidão. Tal era a natureza peculiar da sua ambição. Em Drieu la Rochelle as coisas não eram tão simples: ele começou a odiar-se. Ele se colocou ao longo de vinte anos como um *fora do eixo*, um desintegrado, um "homem a mais" e ele sonhou para si mesmo uma disciplina de ferro que ele era incapaz de aplicar-se espontaneamente. Mas esse ódio de si tornou-se – como testemunha Gilles – um ódio do homem. Incapaz de suportar esta dura verdade: "Eu sou uma criança fraca e covarde, vil diante de minhas paixões", ele quis ver-se como um produto típico de uma sociedade completamente apodrecida. O colaborador sonhou com o fascismo para a sociedade, já que ele não foi capaz de dar a si mesmo regras estritas de conduta: ele quis aniquilar o humano em si mesmo e nos outros, transformando as sociedades humanas em formigueiros. Para este pessimista, o advento do fascismo correspondia, no contexto, ao suicídio da humanidade.

³⁷ Joseph Darnand (1897-1945) soldado francês e líder dos colaboradores de Vichy com a Alemanha nazista. Também apoiou o grupo Orleanistas Action Française. Foi julgado, condenado e executado por pelotão de fuzilamento em 10.10.1945, no Fort de Chatillon, em Paris.

Réalisme, refus de l'universel et de la loi, anarchie et rêve d'une contrainte de fer, apologie de la violence et de la ruse, féminité, haine de l'homme : autant de caractères qui s'expliquent par la désintégration. Le collaborateur, qu'il ait ou non l'occasion de se manifester comme tel, est en ennemi que les sociétés démocratiques portent perpétuellement en leur sein. Si nous voulons éviter qu'il ne survive à la guerre sous d'autres formes, il ne suffit pas d'exécuter quels traîtres. Il faut, autant que possible, achever l'unification de la société française c'est-à-dire le travail que la Révolution de 89 a commencé ; et c'est ce qui ne peut se réaliser que par une révolução nouvelle, cette révolution qu'on a tentée en 1830, en 1848, en 1871 et qui a toujours été suivie d'une contre-révolution. La démocratie a toujours été une pépinière de fascistes parce qu'elle tolère, par nature, toutes les opinions ; il convient qu'on fasse enfin des lois restrictives : il ne doit pas y avoir de liberté contre la liberté.

Realismo, recusa do universal e da lei, anarquia e sonho de uma coação ferrenha, apologia da violência e da hipocrisia, feminilidade, ódio ao homem: tantos caracteres que se explicam pela desintegração. Quer o colaborador³⁸, tenha ou não, a oportunidade de se manifestar como tal, é um inimigo das sociedades democráticas, o colaborador se põe continuamente dentro das comunidades. Se quisermos impedir que a colaboração sobreviva a guerra em outras formas, não basta executar alguns traidores. É necessário, na medida do possível, concluir a unificação da sociedade francesa, ou seja, o trabalho que a Revolução de 1789³⁹ começou; e isso só pode ser realizado por uma nova revolução, aquela revolução que foi tentada em 1830⁴⁰, em 1848⁴¹, em 1871⁴², e que sempre foi seguida por uma contrarrevolução. A democracia sempre foi um viveiro para os fascistas porque tolera, por natureza, todas as opiniões; devemos finalmente fazer leis restritivas: nesse caso, não deve haver liberdade contra a liberdade.

³⁸ Exemplo de colaborador no Brasil: Joaquim Silvério dos Reis era Coronel Comandante do Regimento de Cavalaria Auxiliar de Borda do Campo, contratador de entradas, fazendeiro e proprietário de minas, mas, devido aos altos impostos cobrados pela Coroa Portuguesa, estava falido. Foi por esse motivo que Francisco Antônio de Oliveira Lopes convidou-o a participar da Inconfidência Mineira (1788-1789), coordenada por Joaquim José da Silva Xavier (O Tiradentes). A luta dos Inconfidentes era para organizar os impostos de maneira mais justa. Conhecendo o movimento, Silvério trai aos companheiros delatando-os à Coroa Portuguesa em troca de benefícios financeiros pessoais (perdoado da dívida, viajou para Portugal e quando retornou ao Brasil, foi morar em São Luiz do Maranhão, até sua morte). Joaquim Silvério dos Reis foi retratado como personagem no cinema e na televisão. Vide: *Dez idas* (Dramaturgia de 1969); *Liberdade e Liberdade* (Novela de 2016); *Os inconfidentes* (Filme de 1972); *Tiradentes* (Filme de 1999). Vide: VIRIATO, Correia. *Baú Velho: O delator da conspiração*. Rio de Janeiro: Ed. Getúlio

Costa, 1941, p.81-85. Vide: OLIVEIRA, Frei Hermínio Bezerra de. *Cruzeiro: vida e metamorfoses 1942-1994*. Fortaleza-Ce: Ed. Premium, 2018, p.97-100; Tiradentes. ISBN: 978-85-7924-654-8.

³⁹ Revolução Francesa foi um período de intensa agitação política e social na França, que teve um impacto duradouro na história do país e, mais amplamente, em todo o continente europeu.

⁴⁰ Revoluções de 1830 é a designação dada na historiografia europeia ao conjunto de movimentos revolucionários que abalaram o continente europeu no início da década de 1830.

⁴¹ *A revolução francesa de 1848* foi uma onda de revoluções na França, os eventos revolucionários encerraram a Monarquia de Julho (1830-1848) e levaram à criação da Segunda República Francesa.

⁴² A Comuna de Paris foi a primeira tentativa da história de criação e implantação de um governo socialista. Teve início com a *revolução proletária* na capital francesa, durando de 18 de março a 28 de maio de 1871.

Et comme la thèse favorite du collaborateur – aussi bien que du fasciste – c’est le réalisme, il faut profiter de notre victoire pour entériner l’échec de tout politique réaliste. Certes il convient de se soumettre aux faits, de tirer des leçons de l’expérience : mais cette souplesse, ce positivisme politique ne doivent être que des moyens pour réaliser une fin qui n’est pas soumise aux faits en ne tire pas d’eux son existence. En donnant l’exemple d’une politique basée sur des principes, nous contribuerons à faire disparaître l’espèce des < pseudo-réalistes>. En face d’eux, en effet, la résistance, qui a fini par triompher, montre que le rôle de l’homme est de savoir dire non aux faits même lorsqu’il semble qu’on doive s’y soumettre.

Certes il faut vouloir se vaincre plutôt que la fortune, mais s’il faut se vaincre d’abord, c’est, finalement, pour mieux vaincre la fortune.

(La République Française, éditée à New-York. Août 1945).

E como a tese favorita do colaborador - assim como a do fascista - é o realismo, é preciso aproveitar de nossa vitória para efetivar o fracasso de qualquer política realista. Certamente convém submeter-se aos fatos, para tirar lições da experiência: mas essa adaptação, esse positivismo político deve ser apenas um meio para alcançar um fim que não está submetido aos fatos, não extrai deles sua existência. Ao dar o exemplo de uma política baseada em princípios, nós contribuiremos para fazer desaparecer as espécies dos “pseudo-realistas”. Efetivamente diante deles, de fato, a resistência, que finalmente triunfou, mostra que o papel do homem é saber como dizer não aos fatos, mesmo quando parece que a gente deva submeter-se a eles.

Certamente é preciso querer vencer-se a si mesmo, em vez de ter fortuna, mas, se necessário, primeiro vencer seus desejos para finalmente vencer o destino.

(Tradução brasileira de Profa. Eliana Sales Paiva e Frei Hermínio Bezerra, em parceria com o Grupo de Estudos Sartre – UECE, em 2018)